

A IMPRENSA OPERÁRIA NO AMAZONAS NOS ANOS INICIAIS DO SÉCULO XX: CAMINHO DE PESQUISA

THE WORKING PRESS IN THE AMAZONAS IN THE EARLY YEARS OF THE 20TH CENTURY: RESEARCH
PATH



LUCIANO EVERTON COSTA TELES⁸

Resumo

O presente texto tem como finalidade discutir acerca da relação da imprensa com os grupos sociais que se envolvem com a sua produção, difusão e consumo e, principalmente, refletir sobre o seu papel na sociedade. Para isso, constitui-se como o seu objetivo central tratar da relação dos trabalhadores com a imprensa, da importância atribuída por eles a ela e de um possível caminho de pesquisa nessa área que vislumbre a heterogeneidade social, a pluralidade de vozes que se entrelaçavam entre si no campo social e que cruzavam diferentes temas que vinham a público e aí eram debatidos, avaliados, julgados e aceitos consensualmente. Porém, no artigo em tela, tal processo é discutido através da ação dos militantes operários e da sua imprensa em prol da construção da esfera pública e de espaço político

Palavras-chave: Lideranças operárias; imprensa operária; esfera pública.

Abstract

The present text aims to discuss the relationship between the press and the social groups involved in its production, dissemination and consumption and, mainly, to reflect on its role in society. For this, its central objective is to deal with the relationship of workers with the press, the importance attributed by them to it and a possible path of research in this area that glimpses the social heterogeneity, the plurality of voices that were intertwined between itself in the social field and that crossed different themes that came to the public and there they were debated, evaluated, judged and accepted consensually. However, in the article in question, this process is discussed through the action of worker militants and their press in favor of the construction of the public sphere and political space.

Keywords: Workers' leaderships; workers' press; public sphere.

Introdução

De um modo geral, a imprensa se constitui como uma fonte histórica de relevo, em função dos registros da vida social que ela carrega em suas páginas e que retratam dimensões econômicas, políticas, sociais e culturais da vida individual e em sociedade dos seres humanos de um determinado tempo e espaço. Ela se apresenta como “material

⁸ Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas/CEST. E-mail: lcteles@uea.edu.br.



de pesquisa valioso” para a reconstituição e análises de fenômenos sociais pretéritos (Capelato, 1988, p. 13).

Entrementes, ela não se restringe apenas à condição de fonte histórica, embora rica e plural. A imprensa também pode ser abordada como objeto de estudo, perspectiva que a toma dentro de contextos históricos específicos e considerando a sua constituição enquanto ação comunicativa de grupo que, de forma articulada, procura discutir temas ou causas de interesse comum, para assumirem posições e expressarem opiniões sobre uma dada realidade ou acontecimento social (Habermas, 2003). Tal perspectiva também investiga os seus aspectos tecnológicos e formais, permitindo inclusive o estudo do desenvolvimento material e tecnológico (equipamentos, técnicas de impressão, etc.) dos impressos (Sodré, 1999; Bahia, 1990).

Ultimamente, tomar a imprensa nas duas dimensões acima citadas, como objeto e fonte de estudos, tem se mostrado bastante vantajoso na pesquisa histórica à medida que “desaparece a categoria imprensa na forma abstrata para dar lugar ao movimento vivo das ideias, protagonistas”, ou seja, “sujeitos dotados de consciência determinada na prática social” de um contexto histórico específico (Gonçalves, 2001, p. 09).

Portanto, pesquisar sobre imprensa é crucial, sobretudo na quadra histórica que estamos atravessando, com a concentração da “grande imprensa” nas mãos de pouquíssimos grupos empresariais e financeiros que a utilizam passando ao largo do que poderíamos chamar de um “bom jornalismo” e, nesse caminho, acabam manipulando informações e empregando até mesmo *fake news* para defender seus interesses privados que são repassados para o público como se fossem interesses gerais.

Assistimos diariamente essa postura, o que nos força a debater acerca da relação da imprensa com os grupos sociais que se envolvem com a sua produção, difusão e consumo e, principalmente, refletir sobre o seu papel na sociedade, passada e atual.

Sobre a disciplina histórica, certamente que não podemos encará-la, de maneira absoluta e radical, como “mestra da vida”, como antigamente se fez. Porém, é inegável que ela nos ajuda a compreender e agir sobre o presente e projetar ações e projetos para o futuro, num diálogo profícuo entre passado/presente/futuro que ajuda a nos direcionar na nossa caminhada humana e social.

Com esse intento, o presente texto tem como objetivo analisar a relação dos trabalhadores com a imprensa, da importância atribuída por eles a ela e dos possíveis caminhos de pesquisa que tomam a imprensa como fonte/objeto de estudos.



Os trabalhadores e a imprensa operária no Amazonas

Para fins do que nos propomos a discutir neste escrito, vamos considerar o período da última década do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX. Esse recorte cronológico aplicado à Amazônia contempla um contexto histórico em que a borracha, enquanto matéria-prima, triunfou no mercado mundial, sendo absorvida em grandes quantidades pelas indústrias inglesas e norte-americanas (Weinstein, 1993; Santos, 1980).

É notório que a Amazônia, ao ofertar a borracha para o mercado mundial, passou por profundas transformações que envolveram a abertura de novos seringais, a migração nordestina, os conflitos de terras com os povos indígenas, a incorporação destes como seringueiros, a introdução do barco a vapor, dentre outros elementos. As duas “irmãs siamesas”, Manaus e Belém, não passaram incólumes a essa expansão econômica, ambas tiveram seus espaços urbanos transformados, seus setores de serviços ampliados e seus mercados de trabalho alargados, afinal de contas eram agora importantes centros comerciais da borracha (Sarges, 2002; Dias, 1999).

Nesse contexto, a cidade de Manaus passou a ter uma dinâmica social totalmente diferente daquela que existia até então. Ela agitou-se pela circulação de pessoas e capitais e pelos conflitos e exclusão social que passaram a fazer parte de seu cotidiano, desmitificando a ideia de um “fausto generalizado” (Costa, 2000). Focando no mundo do trabalho desse período, temos intensos enfrentamentos entre capital e trabalho, em outros termos, entre os trabalhadores e seus patrões (Pinheiro, 1999; Pinheiro, 2014).

E, nesse quadro, onde a imprensa se encaixa? Primeiramente, como ressaltou Pinheiro, a economia gomífera contribuiu para a sua ampliação, pois, nas palavras da autora:

É possível argumentar que a produção periódica no Amazonas só emergiu com vigor, no momento em que, no contexto regional, alguns obstáculos importantes foram sendo lentamente removidos. Tais obstáculos ligavam-se a duas ordens distintas de fatores. Em primeiro lugar, há os de cunho estrutural (...), como o baixo nível demográfico das vilas e cidades e o relativo isolamento geográfico por elas vivido; o caráter tardio e incompleto da penetração da língua portuguesa e a conseqüente incipiência nos índices de letramento e alfabetização, refletindo uma tradição cultural toda ela pautada na ênfase da oralidade como meio prioritário e até mesmo exclusivo de expressão e comunicação entre a população regional. Em segundo lugar, estavam os fatores propriamente técnicos (...), ligados tanto à inexistência de uma mão-de-obra especializada (como mestres tipógrafos, gravadores e impressores), quanto à escassez de recursos financeiros e de matérias-primas necessárias (como papéis e tipos) para a implementação das tipografias. Além do mais, essas carências guardavam uma estreita relação com o caráter incipiente da economia local que, não tendo até então possibilitado a emergência de grandes



acumulações, tornava o acesso às tecnologias ligadas à produção jornalística algo bastante dispendioso e quase proibitivo (Pinheiro, 2001, p. 65-66).

Assim sendo, foram as mudanças estruturais pelas quais a região passou, somadas ao avanço da cultura letrada para além dos círculos das elites tradicionais (alta burocracia, grandes comerciantes e seringalistas), em função do advento e avanço dos setores médios urbanos (advogados, médicos, professores, funcionários públicos e outros), que potencializaram aos grupos sociais viabilizarem os seus impressos para divulgar as suas ideias, os seus interesses e os seus projetos.

A imprensa, sendo um dos pilares da sociedade liberal, foi apreendida/ressignificada por diversos setores da sociedade amazonense, dentre eles os trabalhadores que viram nela uma forma de expressar as suas insatisfações e tornar públicos os seus problemas e as suas demandas mais urgentes como a defesa da jornada de oito horas de trabalho, da estabilidade no emprego, das boas condições no espaço de trabalho, do aumento salarial, etc.

No cenário jornalístico amazonense desse período, o esforço das lideranças operárias era justamente colocar a sua imprensa lado a lado com os grandes jornais que circulavam em Manaus e que externavam em suas páginas as suas necessidades e os seus desígnios. Desde cedo, ficou muito claro para essas lideranças que o jornal era um instrumento potente para ganhar os corações e as mentes da população local. Como podemos atestar no seguinte trecho:

E que melhor vehiculo, sinão a imprensa para fazer conhecido no Universo todo o attentado feito as nossas liberdades e aos nossos direitos e justiça a quem merecer?

A força do operariado já é hoje bem conhecida em todo mundo, principalmente quando este operário procura reivindicar os seus direitos por meios inteligentes e pacíficos (ENCETANDO A LUCTA. *Confederação do Trabalho*. Manaus, ano I, n. 1, 14/11/1909).

Como esta, há outras passagens similares na imprensa operária que reforçam essa estratégia de ganhar adesão e apoio popular as suas causas sociais. Ao contrário da chamada “grande imprensa” que vibrava com a urbanização e os equipamentos urbanos modernos implantados na cidade e cantava aos quatro quadrantes da “Paris dos Trópicos” a moda francesa, o estilo *Art Nouveau* e os vapores que chegavam e partiam do porto (Ribeiro, 2014), a imprensa operária externava uma Manaus difícil, na qual trabalhar e viver consistiam numa luta diária (Pinheiro, 2004).

E essa luta diária está registrada nessa imprensa. Nela, os problemas e as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores no cotidiano do trabalho, e que impactavam



a sua vida de uma forma geral, materializavam-se em bandeiras de luta. Desde muito cedo, ficou evidente para as lideranças operárias que as “palavras impressas” eram armas poderosas que deveriam ser utilizadas com a finalidade de inserir no espaço público as suas pautas sociais e ganhar a opinião pública a seu favor.

Entendemos a opinião pública como a formação de um público que atua no sentido de julgar algo, como, por exemplo, aspectos relacionados ao trabalho e ao movimento operário (jornadas, condições, greves, piquetes, etc.). Nessa perspectiva, a opinião pública se coloca como um instrumento de debates, referência e fonte de legitimidade política. Esta legitimidade se dá numa perspectiva de soberania popular – “la voluntad de la mayoría es la voluntad legítima” (Morel, 2008, p. 310).

Portanto, opinião pública requer um público, que precisava ser formado. Desse modo, as lideranças dos trabalhadores amazonenses tinham que “criar” tal público e dar visibilidade a ele e suas demandas. Tal esforço foi arduamente realizado, e um exemplo disso foi à dinâmica de organização dos trabalhadores em associações, em partidos políticos, em clubes, etc. Uma vez criado esse público, era essencial falar para ele. A imprensa operária apareceu em cena para realizar essa atividade de comunicação. Os jornais falavam diretamente para esse público que, embora heterogêneo, era fundamental à construção de uma opinião pública. Porém, a ação comunicativa através da imprensa não se restringia ao público do mundo do trabalho. Buscava atingir setores sociais diversos, incluindo também os grupos políticos e econômicos dominantes e as autoridades públicas, numa clara tentativa de alargar a sua base social e formar uma opinião pública favorável às causas operárias.

A cena pública: a imprensa e a construção de espaços públicos e políticos

Se tomarmos parte da literatura (como uma espécie de amostra) que trata da imprensa e da esfera pública, isso nos permite algumas reflexões. Melo (2005), por exemplo, realizou uma abordagem que buscou, a partir da reconstituição da trajetória do desenvolvimento da comunicação e das tecnologias a ela associadas, discutir a formação de um espaço público no contexto das inovações que impactaram a imprensa. Para a autora:

O espaço público era o local das discussões políticas, da formação de opinião e legitimação do poder, com a imprensa ocorreu o deslocamento desse espaço para os jornais. A imprensa foi a primeira instância mediadora do espaço público, antes concretizada pelos debates em clubes, ruas e praças (Melo, 2005, p. 27).



O avanço tecnológico que alcançou os meios de comunicação de forma significativa ao longo do século XX e primeiros anos do XXI, com a implantação de equipamentos que impulsionaram até mesmo novas divisões e relações de trabalho e o surgimento do rádio, da televisão e da internet como veículos importantes, contribuiu, consoante Melo, para a transferência do espaço público, antes local e nacional, a “um conjunto de circuitos e fluxos que extrapolam os territórios”, mas que se pautam por uma “hegemonia cultural” (Melo, 2005, p. 36-38).

Sobre este ponto – “hegemonia cultural” – cabe explicitar uma questão fundamental, alvo de futuras reformulações feitas por Habermas e que envolveu os meios de comunicação. Fortemente influenciado por Adorno e Horkheimer, sobretudo no que tange à indústria de massas, o autor encarou, num primeiro momento, os meios de comunicação como um problema para o fortalecimento da esfera pública, em especial no que tange à reciprocidade de esclarecimentos e opiniões. Isso porque esses meios atuavam selecionando determinados pontos de vista, privilegiando alguns segmentos sociais e acontecimentos específicos em detrimento de outros (Marques, 2008, p. 24-25).

A reformulação feita por Habermas recaiu justamente sobre esse ponto. O autor passou a vê-los como um espaço com características específicas, porém fundamentais ao fortalecimento e manutenção das estruturas deliberativas nas sociedades democráticas contemporâneas. Passou a falar então de um “sistema dos media”, referindo-se à centralidade dos meios de comunicação na esfera pública. Com efeito, a função dos media seria a de “captar, organizar e disponibilizar uma vasta gama de perspectivas e opiniões auxiliando, assim (...), na estruturação da esfera pública” (Marques, 2008, p. 29). Nesse sentido, os meios de comunicação se constituiriam numa dimensão privilegiada de tal esfera.

Autores como Marques e outros procuraram recuperar a dimensão destacada acima. Interessante salientar que a diversidade dos meios de comunicação levou também a uma variedade de recortes e perspectivas de discussões sobre as relações entre imprensa e esfera pública.

Mais especificamente, e considerando a imprensa ligada ao movimento organizado dos trabalhadores em Portugal, Correia (2002) demonstrou, através de um jornal operário chamado A Estrela (que circulou em Covilhã, região localizada na província da Beira Baixa) e a vivência associativa dos seus repórteres no decorrer da monarquia (1907-1908), a existência de uma esfera pública. Nas palavras do autor, a constituição de uma instância dessa natureza envolveu:



(...) espaços de reunião específicos, servida por instrumentos de opinião próprios e geradora de valores, conceitos e normas que seriam igualmente dotados de particularidades relacionadas com a afirmação política, social e cultural dos trabalhadores da indústria têxtil (Correia, 2002, p. 2).

Portanto, no seu trabalho, o autor recuperou, através da fonte mencionada, aspectos da vida dos operários, as suas lideranças e as dimensões política e cultural da esfera pública operária covilhanense.

Por conseguinte, a proposta que pretendemos defender aqui é a de utilizar o conceito de esfera pública habermasiana (Habermas, 2003), entendendo-a como um espaço construído socialmente, no qual as práticas e as ações comunicativas, desenvolvidas por indivíduos e grupos sociais, desempenham um papel estruturante, por onde acontecimentos e temas ligados ao “mundo da vida” ganham uma dimensão pública, tornando-se alvo de críticas e debates, possibilitando então a emergência de julgamentos, consensos, sínteses e opiniões. Como a atividade comunicacional ocupa um lugar primordial na formação da esfera pública, seria fundamental observar este movimento através da imprensa operária, percebida aqui como testemunho da dinâmica dos elementos, questões e temas presentes nessa esfera.⁹

Sobre isso, e considerando a realidade do Rio de Janeiro da Primeira República, aponta Laura Antunes Maciel:

A análise da intensa atuação de trabalhadores por meio de folhas periódicas pode nos indicar caminhos possíveis para a construção de uma esfera pública em uma sociedade que recém abolira a escravidão e pouco afeita aos valores democráticos, na qual o controle sobre o letramento e a imprensa funcionaram como sólidos obstáculos à ampliação de direitos, dentre eles o de debater, expressar e canalizar opiniões e reivindicações.

Ao investir na criação de jornais para expressar e debater ideias, valores, projetos e reivindicações, trabalhadores se constituíram como sujeitos de ação coletiva capazes de fundar espaços de atuação pública por meio da palavra impressa (2016, 426-427).

Portanto, como sujeitos de ação coletiva, a ação dos trabalhadores foi essencial para a estruturação de uma esfera pública. Assim, torna-se fulcral investigar a relação entre a imprensa operária (mas poderia ser outro tipo de imprensa ou o conjunto da imprensa) e a formação de uma esfera pública no Amazonas.

Caminhos de pesquisa

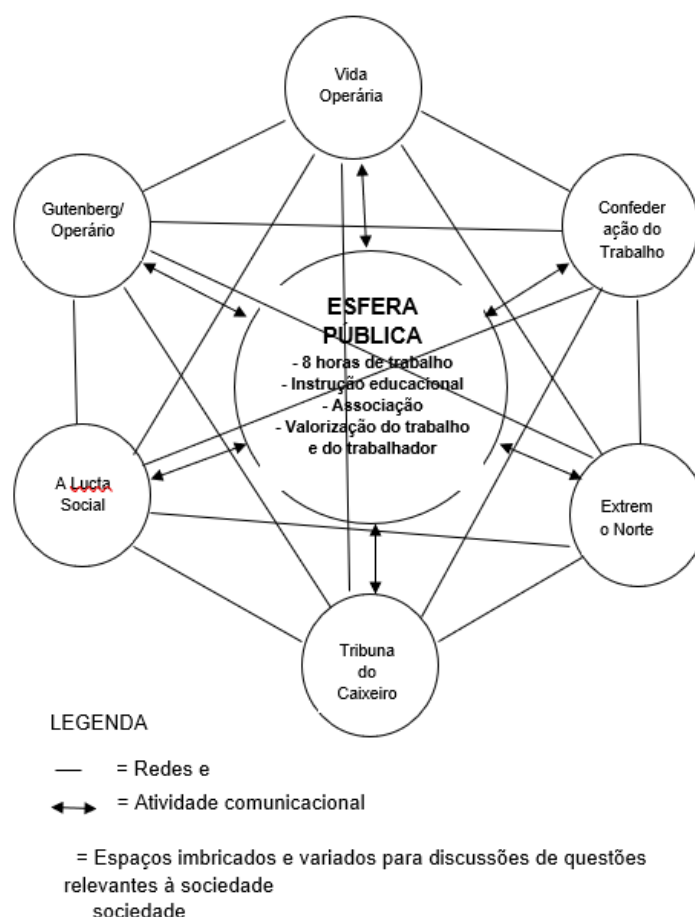
⁹ O espaço público pode ser caracterizado pela literatura, artes, cultura, entre outros elementos. Essa caracterização está diretamente ligada aos conteúdos debatidos. No caso da imprensa operária, pode-se falar em construção de espaços públicos e políticos, em virtude do fato dos grupos que sustentavam os jornais atuarem politicamente, discutindo temas que se tornaram bandeiras de lutas e plataformas políticas.



Um dos caminhos seria justamente examinar a militância operária e seus respectivos jornais a fim de investigar como se dava o processo de captação, sistematização e difusão de um conjunto de informações, temas e questões direcionado a esfera pública para ser debatido e criticado com a finalidade de produção de consensos, sínteses e julgamentos. Dessa maneira, seria possível vislumbrar diferentes redes sociais e atividades comunicacionais que se cruzariam e que formariam esferas públicas autônomas, conectadas e potencialmente capazes de viabilizar opiniões sobre questões que seriam conduzidas a um status de interesse público, legitimando-as para a tomada de decisão política.

O gráfico abaixo tenta traduzir um pouco isso, demonstrando as conexões, os fluxos e os conteúdos que se direcionavam e ajudavam a estruturar uma esfera pública em Manaus no contexto da borracha:

Gráfico 01- Esferas parciais e esfera pública central¹⁰



¹⁰ O gráfico acima foi elaborado para minimamente tentar representar, através dos jornais operários que são a base documental escolhida, as redes de interações, a circulação de ideias e o fluxo delas nas esferas públicas parciais (representadas pela imprensa) em direção à esfera pública burguesa.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Do exemplo concreto dado, um primeiro aspecto a se sublinhar diz respeito à própria estruturação da esfera pública. Como é possível perceber, ela se forma “através da atividade comunicacional, quando diferentes públicos se organizam em redes comunicativas articuladas para discutirem temas ou causas de interesse comum, para assumirem posições e expressarem opiniões”. O segundo aspecto se refere à própria configuração dessa esfera, caracterizando-se como “uma estrutura de grande complexidade, ramificada em uma multiplicidade de arenas parciais que permanecem porosas umas às outras”, a qual se articula – comunica-se – com uma esfera pública central (esfera pública burguesa). Por fim, o terceiro aspecto corresponde ao processo de articulação entre as diferentes esferas públicas parciais e dessas com a central, observando o espaço público institucionalizado onde as decisões políticas são tomadas. Neste âmbito, existem dois níveis:

- a) Uma esfera pública que atua como um contexto intermediário de comunicação entre as deliberações formalmente organizadas no centro e as falas cotidianas entre públicos episódicos da sociedade civil;
- b) E uma base formada por cidadãos organizados e orientados politicamente para a sistematização de informações e pontos de vista acerca de problemas coletivos (Marques, 2008, p. 29).

Os meios de comunicação possuem, como já ressaltamos, centralidade nesse processo, pois alimentam os fluxos comunicativos e elaboram articulações entre as diferentes falas, organizando os debates travados na esfera pública, de onde emergem os temas que acabam se inserindo nos espaços de decisão política. Por força disso, optou-se por construir o exemplo do gráfico acima, intitulado-se as esferas parciais a partir dos nomes dos jornais operários, o que também exige um esforço em identificar os grupos que estavam por trás da imprensa operária e suas articulações em redes – associações, clubes e partidos nos níveis locais, nacionais e até mesmo internacionais – sobretudo pelo fato dos fluxos comunicativos partirem dessas bases sociais em direção à esfera pública central.

Assim, pudemos atestar, em pesquisa recente (Teles, 2018), que com o crescimento do espaço urbano e a complexificação das relações sociais nele inscritas, em especial com a ampliação do mundo do trabalho e do acesso à feitura de jornais, as lideranças operárias começaram a questionar as relações de trabalho e as consequências





dessas para a sobrevivência do operariado. Aspectos do seu mundo da vida (e do trabalho) – baixos salários, altas jornadas, disciplina e punição, acidentes, carestia, etc. – passaram a ser elencados, observados e apreciados num misto de consentimento e resistência. Houve, assim, todo um esforço de mobilização e organização dos trabalhadores, levado adiante pelas lideranças operárias, no sentido de construir as suas associações – espaços de reunião para discutirem sobre sua situação social, debatendo e avaliando temas e questões referentes ao mundo do trabalho e da vida. Tais conteúdos eram problematizados, analisados e, em geral, materializados em “bandeira de luta” e de reivindicação, como, por exemplo, a jornada de oito horas e a implantação de férias.

Em geral, ligados às associações – ou a partidos, no caso dos socialistas – estavam os jornais operários que absorviam os conteúdos de crítica social e as plataformas políticas formuladas. As lideranças que sustentavam os periódicos voltados aos trabalhadores estabeleceram conexões locais, regionais, nacionais e internacionais, tecendo um circuito dinâmico por onde circulavam e faziam circular a sua imprensa, numa troca de ideias e posicionamentos importantes para o movimento operário como um todo.

Certamente que, ao lado das associações operárias, também foram criadas associações patronais, como a Associação Comercial do Amazonas, entidade que discutia e defendia os seus interesses frente aos de outros grupos (especialmente de trabalhadores). A associação publicou uma revista – *A Revista da Associação Comercial* – que era sua porta voz. Os comerciantes e extrativistas também estavam por trás do *Jornal do Comércio*, responsável por difundir informações sobre o mercado da borracha, o movimento das embarcações no porto, o valor do dólar, entre outros temas. Da mesma forma, os estudantes se organizaram em grêmios e publicaram os seus jornais. As colônias de imigrantes (portugueses, espanhóis...) constituíram entidades associativas que possuíam jornais voltados a elas. Enfim, havia uma heterogeneidade social, uma pluralidade de vozes que se entrelaçavam entre si e cruzavam diferentes temas que vinham a público e que aí eram debatidos e avaliados.

Do conjunto desse universo, depreende-se a ação dos militantes operários e sua imprensa em prol da construção de uma esfera pública.

Considerações finais

O caminho de pesquisa aqui proposto aponta para as ações da militância operária no processo de construção de esferas públicas parciais e central. Nessa esteira, a categoria



de esfera pública, na perspectiva habermasiana, tem um potencial de análise interessante, pois, para o autor, tal esfera se constitui da conexão entre mundo da vida e sistema¹¹ (um reverberando no outro), como espaço social da prática comunicativa, onde opinião e vontade vêm a público através de uma rede de comunicação e articulação de fluxos comunicativos. Desse modo, as folhas operárias contribuiriam para materializar essa esfera, sobretudo ao incorporarem as questões do “mundo da vida” dos trabalhadores, tornando-as públicas, mediante posicionamentos e opiniões sobre os temas abordados, com a finalidade de construir espaços políticos (entendidos como esferas de atuação e decisão política).

Data de Submissão: 27/09/2023

Data de Aceite: 07/11/2023

Fontes

ENCETANDO A LUCTA. **Confederação do Trabalho**. Manaus, ano I, n. 1, 14/11/1909.

Referências

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**: história da imprensa brasileira. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. 2º ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CORREIA, João Carlos. O espaço público e a questão operária: o testemunho do jornal A Estrela. In: **Atas da 3ª Jornada de Arqueologia Industrial** ("Proceedings of the 3rd Conference of Industrial Archeology"), Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2002.

COSTA, Francisca Deusa Sena da. **Quando viver ameaça a ordem urbana**: cotidiano de trabalhadores em Manaus, 1915-1925. Dissertação (mestrado em História) IFCH/PUC-SP, 2000.

DIAS, Ednéa Mascarenhas. **A ilusão do fausto**: Manaus, 1890-1920. Manaus: Editora Valer, 1999.

GONÇALVES, Adelaide (Org). **Ceará Socialista – Anno 1919**. Florianópolis: Insular, 2001.

¹¹ Mundo da vida (processos comunicativos de transmissão cultural, integração social e socialização) e sistema (dimensão institucional capaz de renovar e preservar tradições, solidariedades e identidades) correspondem aos componentes da sociedade dual. Portanto, a sociedade dual e a ação comunicativa são elementos constitutivos da esfera pública. Ver LUBENOW, A categoria de esfera pública em Jürgen Habermas: para uma reconstrução da autocrítica. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, n. 10, p. 108, 1/2007.



HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LOSEKANN, Cristiana. A esfera pública habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro. **Pensamento Plural**. Pelotas, n. 4, p. 37-57, jan./jun. 2009.

LUBENOW, A categoria de esfera pública em Jürgen Habermas: para uma reconstrução da autocrítica. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, n. 10, p. 108, 1/2007.

MACIEL, Laura Antunes. Imprensa, esfera pública e memória operária – Rio de Janeiro (1880-1920). **Revista História**. São Paulo, n. 175, p. 426-427, jul./dez. de 2016.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Os meios de comunicação na esfera pública: novas perspectivas para as articulações entre diferentes arenas e atores. **Líbero**. Ano XI, n. 21, Jun./2008.

MELO, Patrícia Bandeira de. Um passeio pela História da Imprensa: o espaço público dos grunhidos ao ciberespaço. **Comunicação e Informação**, vol. 8, n. 1, p. 26-38, jan./jun. 2005.

MOREL, Marco. La génesis de la opinión pública moderna y el proceso de independência (Rio de Janeiro, 1820-1840). In: GUERRA, François-Xavier (Org.). **Los espacios públicos en Iberoamérica: ambigüidades y problemas. Siglos XVIII-XIX**. Coleção História. México: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 2008.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro e PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Orgs). **Imprensa Operária no Amazonas**. Vol. 1. Transcrições e fac-símiles. Manaus: EDUA, 2004.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Imigração, Trabalho e Imprensa em Manaus, 1890-1928. **Revista Litteris**, n. 14, set. de 2014.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros**: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). Manaus: Edua, 1999.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte**: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). Tese (doutorado em História), PUC/SP, 2001.

RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. **Do burgo podre ao leão do norte**: o Jornal do Commercio e a modernidade em Manaus (1904-1914). Dissertação (mestrado em História), PPGH/UFAM, Manaus, 2014.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: Riquezas Produzindo a Belle Époque (1870-1912). 2º ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TELES, Luciano Everton Costa. **Construindo redes sociais, projetos de identidade e espaços políticos: a imprensa operária no Amazonas (1890-1928)**. Doutorado em História, UFRGS/Porto Alegre, 2018.

WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec, 1993.

